

**IGREJAS  
PAULISTANAS DE  
PLANTA OCTOGONAL**

***Benedito Lima de Toledo***

Da era colonial, o conjunto arquitetônico que em melhores condições chegou aos nossos dias, na cidade de São Paulo, é, sem dúvida, o Recolhimento da Luz.

De uma cidade toda edificada em taipa de pilão, poucos exemplares restaram de edifícios realizados nessa técnica. Quase todos desfigurados ou por modernização deteriorante ou por falta de ambientação. No caso da Luz tudo foi conservado, até a horta conventual, última em seu gênero na cidade.

São Paulo conheceu a taipa desde seus primórdios. Como observou o Morgado de Mateus em carta de 1766, logo após sua chegada, a cidade contava com amplos edifícios feitos de terra e com "altas torres da mesma matéria com bastante segurança e duração"

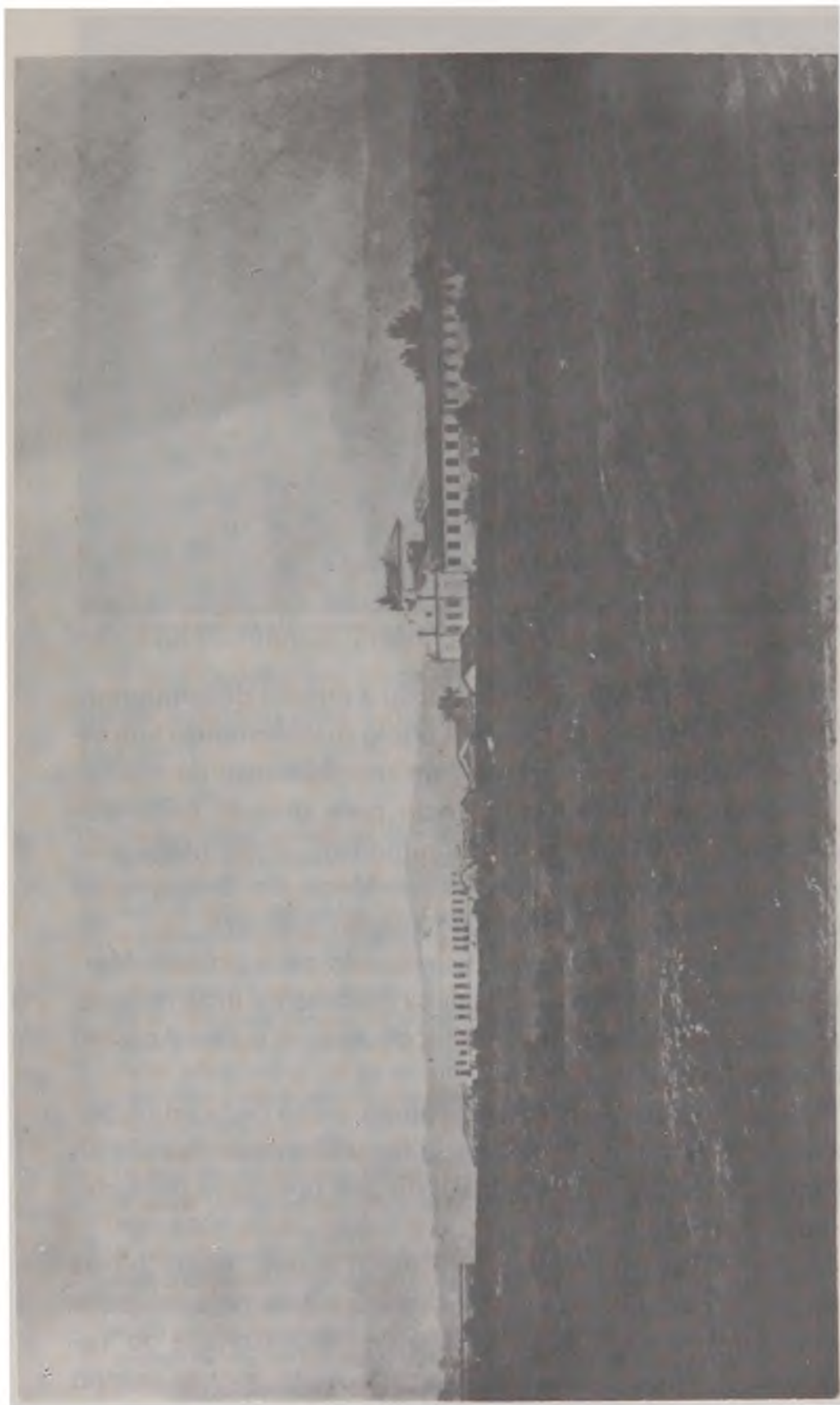
Havia à essa época uma pequena ermida dedicada à Senhora da Luz do Guarepe, situada na região norte da cidade, à margem do Caminho para Santana. Essa ermida fora construída por Domingos Luís, o Carvoeiro (nascido na Freguesia de Santa Maria da Carvoeira).

Domingos Luís morara anteriormente à beira do Caminho do Mar, numa região povoada por um tipo de arara de penas coloridas que os nativos chamavam Ireripiranga. Daí o nome da região e a origem do bairro do Piranga, onde há um córrego que tem o privilégio de ser mencionado no primeiro verso do Hino Nacional.

Nessa região, o Carvoeiro e sua mulher Ana Camacho edificaram, em 1583, uma capela dedicada à Senhora da Luz. Pode-se dizer que essa devoção quase nasceu com a cidade.

Desse arrabalde ao sul da vila, Domingos Luís mudou-se para outro, ao norte, o Guarepe, região que só viria conhecer povoamento efetivo no século XIX. Aí edificou, em 1603, nova ermida com a mesma invocação, fato que acabou por dar nome ao bairro.

No início do século XVIII, Felipe Cardoso de Campos cuidou da reconstrução da ermida dotando-a, ainda, de acomodações para romeiros.



*O Mosteiro da Luz em 1860 visto da várzea do Tamanduaté. Frente ao Mosteiro aparece a casa do Marquês de Três Rios, posteriormente sede da Escola Politécnica. À direita o morro dos Lázarus.*



*Vista aérea do Mosteiro (1974). Pode-se ver a horta conventual e os três claustros.*

O Morgado de Mateus encontrou a ermida desamparada e em 1773 encaminhou à Câmara ofício manifestando sua intenção de estabelecer no local “um recolhimento de mulheres, devotas da Divina Providência para orarem continuamente diante do Santíssimo Sacramento” Essa havia sido uma solicitação que a Irmã Helena Maria do Sacramento pouco antes fizera ao Morgado em respeitosa carta.

Dessa forma, o governador enviado pelo próprio Marquês de Pombal patrocinava a causa piedosa da Irmã Helena, cabendo a direção espiritual do recolhimento a Frei Antonio de Santana Galvão.

Para subsistência da nascente instituição dedicada à Senhora da Luz da Divina Providência fez o Morgado doação ao recolhimento de terras devolutas “de que precisava para cultivar suas lavouras”

Segundo levantamento feito por Taunay, essas terras chegavam até o Tamanduateí, incluindo a área hoje ocupada pelos quartéis. Uma foto de Militão de 1860, tomada do Tamanduateí, mostra o convento em meio a um imenso campo

alagadiço, região de escasso valor econômico, onde se estabeleceu em 1805, o isolamento dos Lázaros.

O novo instituto foi inaugurado em 1774 com a denominação "Nossa Senhora dos Prazeres do Campo da Luz". Dessa forma, o Morgado encontrou meio de homenagear N. S. dos Prazeres, protetora da Casa de Mateus em Vila Real, Portugal.

### **IGREJAS DE PLANTA OCTOGONAL**

Raros são os exemplos na arquitetura brasileira de igreja com planta poligonal (1).

São Paulo, dada a predominância do uso da taipa, poucos exemplares conheceu. Dois casos, todavia, podem ser citados e os dois, curiosamente, ligados a Frei Galvão: a Igreja da Luz e a Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência, contígua à Igreja de São Francisco.

Frei Galvão era frade do Convento São Francisco quando foi indicado para a direção espiritual do Recolhimento da Luz.

---

(1) Poucas igrejas afastam-se do protótipo de origem jesuítica: nave e capela-mor retangulares separadas por um arco-cruzeiro. Além das conveniências do programa há as limitações construtivas a tolher o trabalho do arquiteto. A Igreja de N.S. da Glória do Outeiro, atribuída a José Cardoso Ramalho (meados do século XVIII) é excepcional: sua nave octogonal é percebida interna e externamente. Resulta de uma solução construtiva.

Mais comum é a nave poligonal ser contida em uma planta retangular a exemplo de S. Pedro dos Clérigos de Recife (1728), onde um dodecágono de lados desiguais é inserido em um retângulo. O Rio de Janeiro conheceu uma Igreja de S. Pedro dos Clérigos, de plano central, projeto de José Cardoso Ramalho, cuja inspiração poderia ter sido a Igreja de S. Pedro dos Clérigos do Porto, segundo Robert Smith.

Há uma igreja dessa invocação em Ponta Delgada com planta octogonal.

Da fase mais evoluída do barroco mineiro duas igrejas destacam-se por sua planta curva resultante da intersecção de elipsoides: Rosário dos Pretos de Ouro Preto e S. Pedro dos Clérigos de Mariana.

A evidente associação da invocação de S. Pedro dos Clérigos a igrejas de planta poligonal parece originar-se em duas das mais notáveis igrejas da cristandade: San Pietro in Montorio de Bramante de plano central, onde o eixo da cúpula assinala o local onde o apóstolo foi crucificado e São Pedro, do Vaticano, projeto original do mesmo Bramante com sua memorável cúpula cujo eixo marca o local do túmulo do apóstolo, num simbolismo evidente.



*Desenho de Landseer de 1827, onde pode-se ver o volume alteado correspondente à Capela Terceira.*



*Vista geral do Convento de São Francisco. Notar a cobertura da Capela Terceira.*

Nascido no Vale do Paraíba, em Guaratinguetá, em 1739, estudou no Seminário dos Jesuítas de Belém da Cachoeira, na Bahia e, com 21 anos, resolveu tornar-se franciscano, tendo sido ordenado no Rio de Janeiro.

A sua formação permitiu, portanto, travar conhecimento com a arte brasileira do Nordeste e do Rio de Janeiro.

O Seminário de Belém da Cachoeira gozava de grande reputação pela formação que dava a seus estudantes. Seu edifício conta com excelente construção e acabamento. Já o convento franciscano do Rio de Janeiro situa-se entre as mais evoluídas manifestações da arte barroca no Brasil.

Voltando a São Paulo, Frei Galvão testemunhou a realização de muitas obras no convento do Largo de São Francisco. Anteriormente à sua chegada, em 1744, o frontispício, que era "de estilo jesuítico", segundo Frei Basílio Röwer, historiador da Ordem, "foi reedificado em estilo barroco". A igreja, desde 1676, contava com capela anexa da "Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência". Havia, na nave da igreja, como ainda ocorre com as igrejas franciscanas do Nordeste, um arco unindo-a à capela dos Irmãos Terceiros. Esses são fatos que a iconografia paulistana não registrou: a Igreja de São Francisco isolada, com frontispício "de estilo jesuítico" tendo um corpo anexo para a Capela Terceira. A configuração atual com as duas igrejas lado a lado é fato que só ocorreu após 1783, quando os frades fizeram doação de terreno à irmandade para que esta pudesse ampliar a sua capela e ter entrada própria pelo Largo de São Francisco, ficando ao mesmo tempo, obrigada a "fechar o arco, que no presente serve de entrada da nossa Igreja para a sua Capela" como reza o termo de doação. Ao entrar na Igreja de São Francisco pode-se reparar que no lado direito da nave há três tribunas com balcão, faltando uma para que este lado fique simétrico ao lado esquerdo da nave, que possui quatro tribunas. A assimetria deve-se ao arco emparedado.



*O Largo de São Francisco em 1862 (Foto de Militão). A Capela Terceira apresenta "proporções necessárias assim para a boa perspectiva dela como para formosear o edifício do convento"*



*A Igreja do Mosteiro da Luz.*



Nessa ata de doação há uma cláusula com implicações de escala e estilo: a nova igreja não deveria ser entendida como “corpo separado de nossa Igreja, pois sempre se deve conhecer e reconhecer como filial dela, e à maneira de Altar Colateral” Os Irmãos Terceiros honraram o compromisso como vemos em texto de 1785, onde afirmam que sua nova Capela deveria ter “perspectiva correpondente à Igreja dos religiosos” e “proporções necessárias assim para a boa perspectiva dela como para formosear o edifício do convento” É inegável que nisso foram bem-sucedidos. O conjunto adquiriu sua feição atual em 1787.

A Capela da Ordem Terceira, de planta originalmente octogonal, passou a ter a forma atual com uma das faces do octógono aberta para receber uma nave dando diretamente ao Largo de São Francisco.

Essa referência às obras executadas nas igrejas do Largo de São Francisco é apenas para mostrar onde se formou um importante arquiteto do século XVIII em São Paulo, Frei Galvão, o qual, segundo o já citado Frei Basílio Röwer, ao assumir a direção espiritual do recolhimento, assumiu as responsabilidades materiais: “Para substituir a pobre casa, que nem forro nem assoalho tinha, encetou uma nova construção, delineada por ele mesmo”.(2)

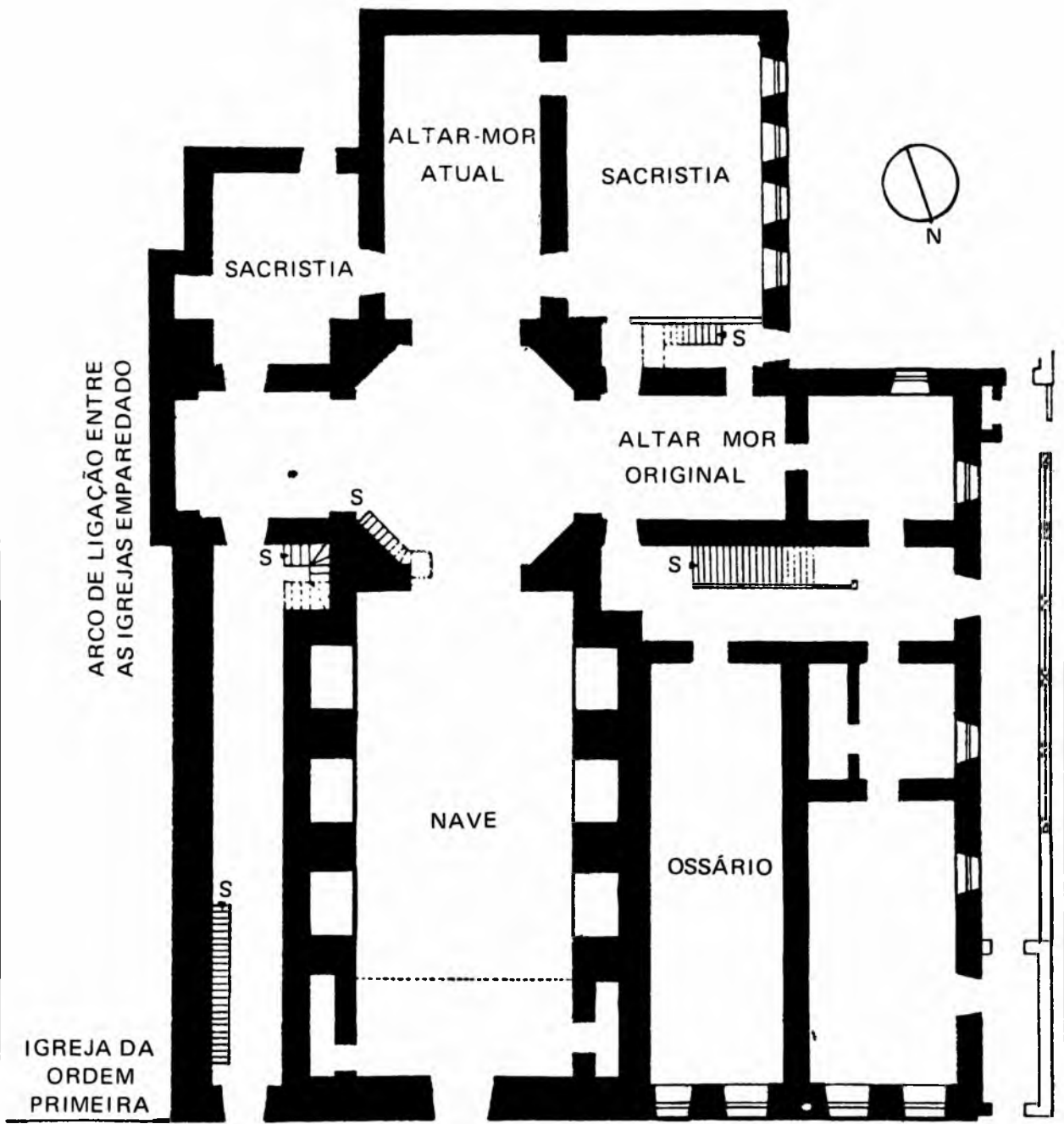
Trata-se de caso raro em São Paulo de obra do período colonial, que se conhece com segurança o autor do projeto.

## **A IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO**

Frei Galvão costumava dizer que a área da Luz viria a se tornar como que o centro da cidade. Essa percepção do espaço urbano levou-o a alterar a disposição original do templo com a criação do novo frontispício voltado para o Campo da Luz (Avenida Tiradentes).

---

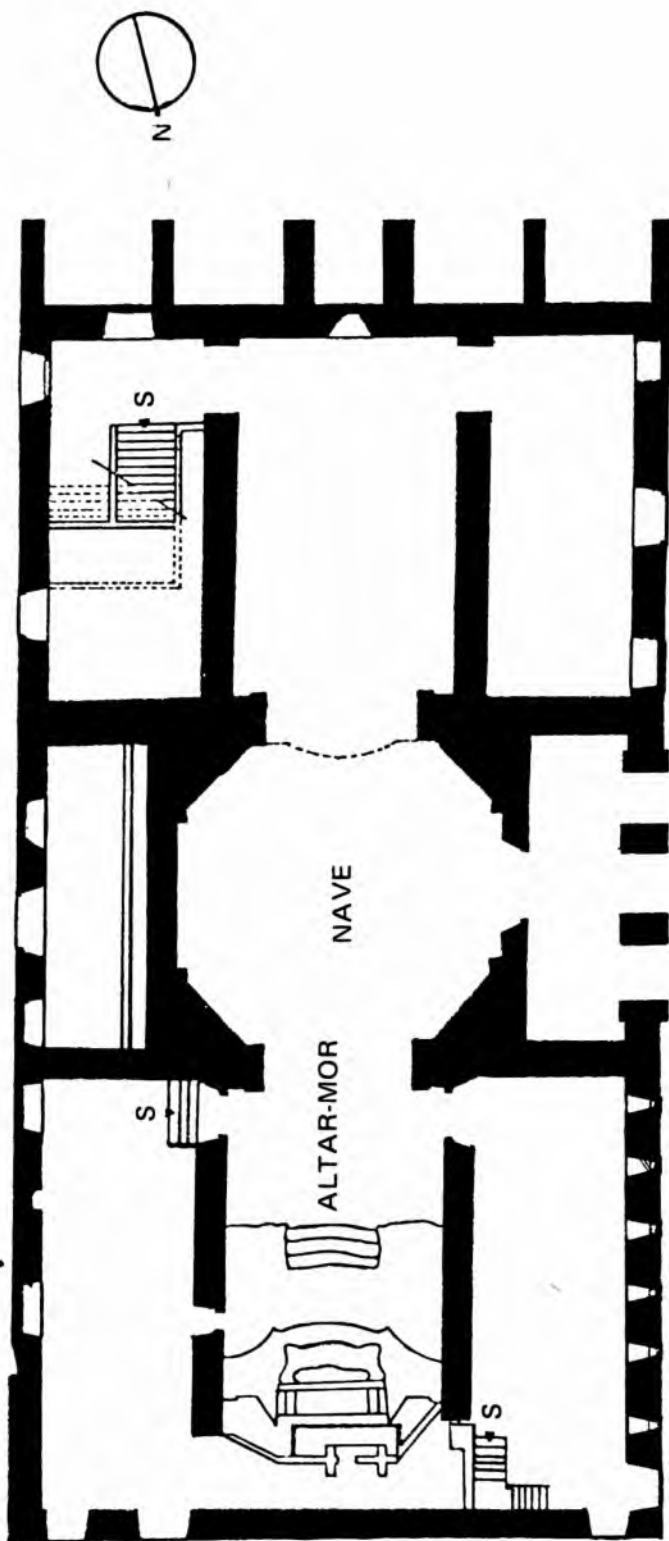
(2) “Como, porém, a Igreja Velha ameaça ruína e está, o frontispício especado e o dormitório é muito acanhado, conforme já relatei, e o número das que desejam a vida da Providência Divina vai sendo maior, fundou-se novo convento e Igreja onde pudessem viver, ainda que pobres, com mais respiração e desafogo.”  
Frei Galvão — Escritos Espirituais.



LARGO DE SÃO FRANCISCO

**IGREJA DA ORDEM 3ª DA PENITÊNCIA DE S. FRANCISCO S.P.**  
*PLANTA ESQUEMÁTICA - PAVIMENTO TÉRREO*

*Planta da Capela Terceira de São Francisco.*



AVENIDA TIRADENTES

IGREJA DO CONVENTO DA LUZ - S. P.  
PLANTA ESQUEMÁTICA - PAVIMENTO TÉRREO

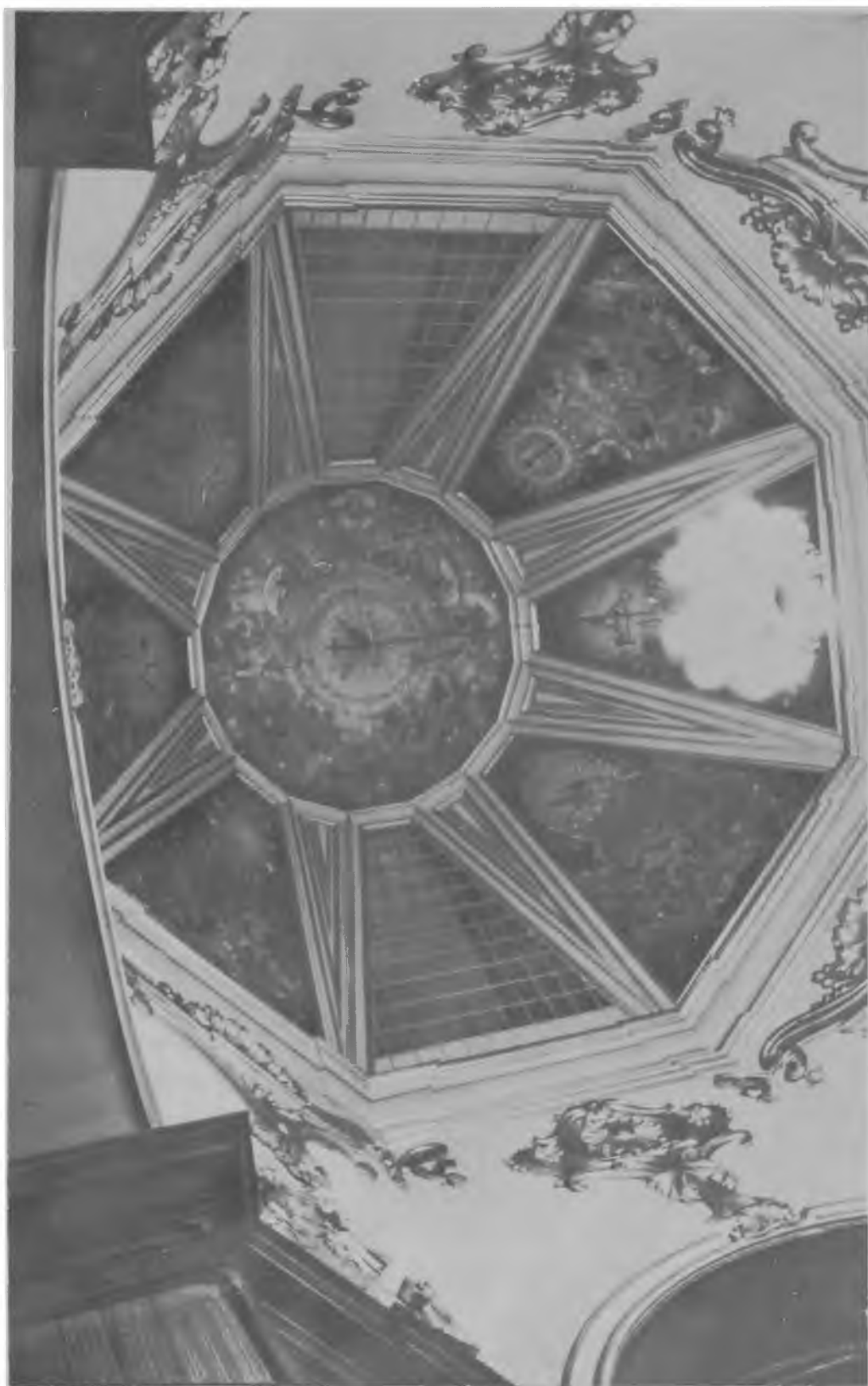
Planta da Igreja do Mosteiro da Luz.



*Capela Terceira de São Francisco. Vista correspondente ao acesso original.*



*Mosteiro da Luz. Vista correspondente à entrada original.*



*Forro octogonal da Capela Terceira de São Francisco.*

Tirou partido, igualmente, da vista para a várzea do Tamandateí: "Fica a dita obra com 22 celas em círculo nas três faces que olham para os campos, ficando as outras faces correspondentes à área livre, sem celas, para maior desafogo"

Quanto ao edifício registra: "Tem este edifício 240 e tantos palmos, e de largo 170 e tantos, com uma grande área no meio, uma cerca extensa etc., obra da Providência que tem causado admiração aos senhores paulistas, célebre e notória às capitanias circunvizinhas"

São muitos os paralelos que podemos traçar entre a Igreja da Luz e a Capela Terceira de São Francisco.

Cabe lembrar que Frei Galvão foi comissário da Ordem Terceira nos anos de 1776 a 1780, à época, portanto, das gestões para ampliação da Capela, o que ocorreu logo depois (1783-1787).

As duas igrejas têm planta octogonal do qual saem corpos laterais. As duas mudaram de eixo principal. O eixo da Capela Terceira era perpendicular à parede lateral da Igreja de São Francisco, como já foi dito. Posteriormente, ficou perpendicular ao Largo. Isso pode ser percebido pela posição do altar de N.S. da Conceição, altar-mor original, executado em 1735 e que hoje fica à direita de quem entra.

A Igreja da Luz, por sua vez, tinha primitivamente seu frontispício voltado para a cidade. Posteriormente, foi edificado outro pelo próprio Frei Galvão voltado para o Caminho do Guaré, hoje Av. Tiradentes. É a aparência que Burchell registrou em seu magistral desenho de 1827. Quem entra no templo tem o altar-mor à sua esquerda, ladeado por dois altares menores no corpo do octógono.

Nos dois casos, a mudança de eixo fica quase imperceptível, certamente pelo fato de se tratar de planta octogonal.

No desenho de Burchell vemos que o frontispício voltado para a Av. Tiradentes já conta com galilé com seus três arcos.



*Forro octogonal da Igreja do Mosteiro da Luz.*



*Sineira da Igreja de São Francisco.*



*Sineira da Igreja do Mosteiro da Luz.  
Se imaginarmos a sineira da Igreja de São Francisco transposta para cima do frontispício, a composição resultante aproxima-se muito do Mosteiro da Luz.*





*Corredor interno do Mosteiro da Luz.*

Uma curiosidade para quem percorre o corredor do pavimento superior, sobre a galilé, é deparar com uma pequena escada de cada lado da mesma, eventual sintoma de que este local precisou ser alteado.

A última intervenção nesse frontispício foi a colocação de sineira, obra de Frei Lucas José da Purificação, sucessor de Frei Galvão, o qual, mais uma vez, foi ao Largo de São Francisco buscar inspiração. É a aparência que ficou registrada na aquarela de Miguelsinho de meados do século XIX (provavelmente 1847).

Frei Galvão revelou-se arquiteto de mérito. O convento que projetou é bem-arejado e saudável, com corredores desafogados e abertura para pátios ajardinados. Suas acomodações, até hoje, são bem-ajustadas ao programa.

O convento foi inaugurado em 1788, a igreja e coro em 1802 e até 1822, ano de sua morte, Frei Galvão trabalhou na obra sem ter podido vê-la completa, o que, ademais, é fato que a história da arquitetura registrou inúmeras vezes.



*Claustro do Mosteiro da Luz.*

O conjunto foi ampliado no início do século com auxílio do Conde Prates, trabalho feito com admirável senso de medida, que não desfigurou o volume inicial.

É obra muito representativa da arquitetura colonial paulista, com seu ar sólido e despojado. Sua implantação é muito significativa na paisagem urbana de São Paulo, constituindo-se num componente dos mais expressivos de seu Patrimônio Ambiental.

### **A EXECUÇÃO – OS TAIPEIROS**

A execução foi realizada sob orientação direta de Frei Galvão. Por sua vontade, uma vez delineada a obra, foram as próprias freiras que tomaram a enxadinha e iniciaram a abertura dos alicerces. Depois vieram os taapeiros. Os taapeiros ganhavam uma pataca por dia; alguns trabalhavam por devoção. Pouco se sabe no geral de sua forma de trabalho, a não ser em casos como contratação para obras públicas. É o que vemos, por exemplo, para execução do paredão no Largo da Memória, onde há uma melhor especificação.

Esse fato deveria levar à revisão de frases feitas do tipo “a taipa era feita de terra socada por escravos” São Paulo, nos quadros coloniais, era uma região pobre, não havendo a fartura de mão-de-obra escrava como em outras regiões. Ao contrário, são bem-conhecidos alguns casos de mestres que realizavam obra em taipa. Se o fato não exclui trabalho escravo, pelo menos longe estamos de lhe dar exclusividade. Taapeiro em São Paulo, era profissão muito respeitada e sua presença já é registrada desde as primeiras Atas da Câmara de Santo André da Borda do Campo.

O Recolhimento da Luz é um belo documento da atividade do taapeiro que ainda não teve o reconhecimento merecido.

### **UM DOCUMENTO: O RISCO**

A criação comprovada de uma igreja de planta octogonal leva-nos a indagar se não teria participado na reelabora-



*Risco realizado por Frei Galvão em uma parede do Mosteiro.*

ção da planta da outra igreja octogonal, no Largo de São Francisco. Afinal, era comissário da Ordem Terceira.

Essa tese demanda ainda algum aprofundamento de estudo. Se for verdadeira, teremos identificado um arquiteto paulista muito original do século XVIII.

Ainda a Frei Galvão devemos um documento raro: um *risco*. Como se sabe, *risco* no período colonial era, no jargão profissional, a designação de projeto. Era, igualmente, a representação do mesmo sobre uma superfície, na qual o projeto era *riscado* com uma ponta aguçada.

São raros os *riscos* que chegaram até nós. Frei Galvão legou-nos um.

Nos últimos três anos de sua vida, o frade, muito doente, morava num recanto do convento, atrás do sacrário, com seu catre encostado em três paredes. Na parede, ao lado do local onde ficava esse catre, há um *risco* representando o frontispício de uma igreja com duas sineiras que lembra, vagamente, a Igreja do Seminário Episcopal que viria a ser construída na mesma avenida.

A que se destinaria? Não se sabe. Poderíamos dizer que o autor do projeto deixou sua obra autografada.

## BIBLIOGRAFIA

- BAZIN, Germain — L'architecture religieuse baroque au Brésil. Paris, Plon, 1956-1958.
- GALVÃO, Antonio Sant'Anna, frei — Escritos espirituais (1766-1803), São Paulo, Congresso Nacional, 1980.
- ORTMANN, Adalberto, frei — História da antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo. Rio de Janeiro, PHAN, 1951.
- RÖWER, Basílio, frei — Páginas da história franciscana do Brasil. Petrópolis, Vozes, 1941.
- SMITH, Robert C. — The arts in Brazil: baroque architecture. In: LIVERMORE, H.V. — Portugal and Brazil. Oxford, Clarendon Press, 1953. p. 349-84.
- TAUNAY, Affonso de Escragnolle — Velho São Paulo: evolução da cidade sob o império; ruas secundárias; o Mosteiro de Nossa Senhora da Luz. São Paulo, Melhoramentos, 1955. v. 3.

TOLEDO, Benedito Lima de — Do risco à estereotomia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 jul. 1978. Supl. Cultural, n. 88.

□ □ □ □ □ □ — São Paulo: três cidades em um século. 2. ed. aum. São Paulo, Duas Cidades, 1983.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Toledo, Benedito Lima de — "Igrejas Paulistas de Planta Octogonal" — in Revista da Universidade de São Paulo — n.º 2, agosto de 1986, pág. 119 a 140.